

OFTALMOPATIAS DISTINTAS ASSOCIADAS EM EQUINO: RELATO DE CASO DE CERATOCONJUTIVITE ULCERATIVA E UVEÍTE EM EQUINO

Luana D. MOREIRA¹; Gabriel P. JACINTO²; Luís F. A. TOLEDO³

RESUMO

As doenças que afetam a conjuntiva ocular em equinos não são atendimentos frequentes na rotina de um Hospital Veterinário. Contudo, são doenças que se forem negligenciadas podem vir a causar danos irreversíveis ao animal acometido, levando esse animal muitas vezes a perda do olho, causando uma inutilização desse animal e por consequência o seu descarte. O Hospital Veterinário do IFSULDEMINAS - Câmpus Muzambinho recebeu um animal tendo como queixa principal um inchaço na pálpebra e feridas supurativas na região da pálpebra, além dessas mesmas feridas pelo corpo. Através do teste de fluoresceína e oftalmoscopia foi possível detectar que o animal possuía tanto uma ceratoconjuntivite ulcerativa quanto uma uveíte. O tratamento usando anti-inflamatório não esteroide, tobramicina, soro autólogo, soro EDTA e soro STILL surtiu o efeito esperado. Após um mês e três dias esse animal pode receber alta médica

Palavras-chave: Oftalmoscopia; Soro Autólogo; Oncocercose.

1. INTRODUÇÃO

As ocorrências de lesões oftálmicas na clínica de equinos variam de 3% a 27% dos casos (SOMMER, 1984; SZEMES & GERHARDS, 2000), apesar de não serem as queixas mais recorrentes de atendimentos ainda são de extrema importância, visto que a depender do grau de severidade da lesão o animal pode vir a perder a visão e ser inutilizado (SOMMER, 1984; SZEMES & GERHARDS, 2000).

Dentre as lesões oftálmicas temos a ceratite infecciosa que é uma inflamação que lesa os tecidos da córnea e da conjuntiva, podendo estar associada ou não a uma úlcera de córnea, que é compreendida pela perda da integridade do epitélio da córnea, com infiltração do estroma subjacente por leucócitos, associados a sinais inflamatórios (COMARELLA, J. D., et al., 2015).

Outra oftalmopatia importante nos equinos é a uveíte, que se caracteriza por uma inflamação do olho que acomete o trato uveal, sendo este composto pela íris, corpo ciliar e coroide. Pode afetar estruturas adjacentes como retina, nervo óptico e vítreo. A etiologia de tal doença ainda é desconhecida, com linhas de raciocínio que indicam autoimunidade como fator predisponente (DUBIELZIG et al. 2010).

A etiologia de alterações oftalmológicas pode ter origem primária em outras patologias, como

¹ Médica Veterinária, Aprimoranda do Programa Aprimoramento Profissional em Medicina Veterinária do IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, Muzambinho, MG. E-mail: luanadolivo@hotmail.com

² Acadêmico do curso de Medicina Veterinária do IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, Muzambinho, MG. E-mail: gabriel.jacinto@alunos.ifsuldeminas.edu.br

³ Docente do curso de Medicina Veterinária do IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, Muzambinho, MG. E-mail: luis.toledo@muz.ifsuldeminas.edu.br

na oncocercose, também conhecida como “cegueira dos rios” ou “mal do garimpeiro”, é uma doença causada por um nematódea que se instala no tecido subcutâneo (BLANKS et al., 1998). A doença causará nódulos subcutâneos podendo evoluir para exantemas cutâneos, pápulas, febre e prurido, havendo também o sinal clínico de danos nos olhos caso a microfilária migre para essa mucosa (REMME; BOATIN; BOUSSINESQ, 2008).

O objetivo do presente trabalho é relatar um caso clínico de oftalmopatia, com duas alterações oftálmicas importantes e de tratamentos de eleição distintos. Podendo esse caso estar relacionado a oncocercose como causa primária.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Foi recebido no hospital veterinário de grandes animais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Câmpus Muzambinho um equino de 18 anos, macho, castrado, de pelagem rosilho, mestiço de mangalarga com Appaloosa, com a queixa principal de um aumento de volume e secreção purulenta na pálpebra esquerda, além de feridas supurativas pelo corpo todo. Com histórico clínico de que já havia tido um carcinoma de células escamosas na mucosa ocular direta, que o levou a uma cirurgia de enucleação total.

No exame físico o animal se encontrava com os parâmetros dentro da referência para espécie e como exames complementares imediatos realizou-se o teste de Schirmer, que não apresentou anormalidade na avaliação da capacidade do olho em manter-se lubrificado e também o teste de fluoresceína, que identificou considerável úlcera na córnea, aproximadamente 1cm, iniciando assim o tratamento para diagnóstico de ceratoconjuntivite ulcerativa.

Após a avaliação pelo corpo clínico do hospital foi instituído o tratamento com Flunixin Meglumine sistêmico na dose de 1,1mg/kg, resultando 10,7ml duas vezes ao dia por seis dias; depois o mesmo medicamento com uma dose de 0,5mg/kg, resultando em 4,5ml duas vezes ao dia por quatro dias. Tópico foi instilado o colírio de tobramicina seis vezes ao dia, usando 3 gotas por aplicação, durante por 13 dias. Depois do décimo terceiro até o trigésimo primeiro dia fez-se o uso cinco vezes ao dia, usando de 3 gotas. Outro uso tópico de atropina, colírio EDTA, Diclofenaco de sódio e soro autólogo.

Após uma semana de tratamento e pouca evolução positiva dos sinais clínicos, foi feito a oftalmoscopia identificando alteração em fundo de córnea, definindo mais um diagnóstico de uveíte.

Para o tratamento associado de ulcera de córnea e uveíte foi utilizado o protocolo medicamentoso com atropina, que teve seu uso suspenso logo no terceiro dia de uso, antiinflamatório não esteroide, Flunixin Meglumine na dose 1,1mg/kg, nos seis primeiros dias, depois 0,5mg/kg por mais quatro dias, Soro autólogo por 12 dias, sendo administrado 3 vezes ao dia no horário das 6:00; 12:00; 18:00 horas, colírio STILL, sendo às 6:00; 12:00; 15:00; e às 21:00 horas, tendo o princípio

ativo diclofenaco sódico por 18 dias. EDTA por 27 dias, às 9:00; 15:00; 21:00 horas. Tobramicina por 32 dias, sendo esse o fármaco mais utilizado, às 6:00; 9:00; 12:00; 15:00; 18:00; 21:00 horas.

Com boa evolução do caso e buscando a causa primária da lesão, optou-se por realizar um hemograma completo onde foi constatado o aumento no número de eosinófilos, direcionando para uma possível infecção parasitária. Realizou-se a biopsia das lesões na pele, onde não foi constatado a presença do parasito suspeito *Onchocerca cervicalis* mas presença de eosinófilos e monócitos também indicando que a lesão pode ter sido causada por um agente parasitário. Nesse contexto foi administrado uma bisnaga de ivermectina resultando em boa evolução nas lesões de pele, sem novas supurações.

Após um mês e três dias esse animal recebeu alta médica e pode retornar à casa, sem sinais clínicos oftalmológicos e dermatológicos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O teste de Schirmer trata-se de um teste quantitativo para avaliar a secreção basal da lágrima, é o teste mais utilizado para detectar-se a ceratoconjuntivite em equinos. Esse teste é feito utilizando uma tira de papel de papel filtro por sessenta segundos e depois é feita a mensuração da extremidade umedecida.

O exame de fluoresceína é feito realizando-se a aplicação do corante, aguarda-se um período de tempo para o colírio agir, depois é realizado a lavagem com soro, sendo assim possível observar a lesão na conjuntiva e avaliar a sua extensão.

O tratamento oftalmológico desse animal apresentou alguns desafios visto que para uveíte se faz o uso de anti-inflamatórios esteroidais, entretanto essa classe de fármaco não é indicada para tratar ceratoconjuntivite ulcerativa, uma vez que retardará a cicatrização da úlcera (ANDRADE S., 2017). O animal respondeu bem ao anti-inflamatório não esteroide e aos outros fármacos administrados, recebendo alta médica em torno de um mês.

Os medicamentos escolhidos tinham diferentes funções no tratamento da ferida o Flunixin Meglumine foi usado como o anti-inflamatório não esteroide, por conta de sua natureza anti-inflamatória, analgésica e antipirético, sendo esse um inibidor não seletivo para COX. Sendo bastante efetivo no tratamento de uveíte (ANDRADE S., 2017).

Colírio de tobramicina por conta de sua função de antibiótico bactericida de amplo espectro, usado em infecções causadas por bactérias gram-negativas (ANDRADE S., 2017). Atropina obtenção de midríase e na prevenção de aderência da íris ao cristalino sendo esse um anticolinérgico midriático (ANDRADE S., 2017). E soro autólogo, que tem como intuito tratar a superfície do olho, por conta da presença de vitaminas, fatores de crescimento e fibrotecina, através de suas propriedades o soro funciona como a lágrima (QUINTO G. G., CAMPOS M. & BEHRENS, 2008).

A úlcera na conjuntiva foi medida assim que o animal chegou no Hospital Veterinário, tendo aproximadamente 1cm de altura, ocupando metade da íris, em sua porção mais lateral. Como o tratamento foi eficiente, esse animal ao receber a alta já não mais possuía essa lesão.

Por conta dos sinais clínicos, do resultado do hemograma, citologia dermatológica e histopatologia das feridas de pele e boa resposta ao tratamento antiparasitário, a oncocercose foi priorizada como diagnóstico diferencial, mesmo não identificando a presença do parasito em nenhum dos exames complementares citados (FERREIRA, 2012).

5. CONCLUSÃO

Apesar de ser um caso esporádico na rotina do hospital veterinário, obteve-se a cicatrização efetiva da úlcera de córnea com anti-inflamatório não esteroide e resolução da uveíte sem usar corticosteroides, ressaltando o bom resultado do protocolo tópico com uso de soro autólogo por doze dias. Enfatizando a constância e assiduidade no protocolo de tratamento, com instilações oculares de até seis vezes diárias, sendo assim possível e facilitado pela internação do animal a um Hospital Veterinário com dedicação total ao paciente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Silvia Franco. Manual de Terapeutica Veterinária. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan LTDA, 2017.

BLANKS, J. et al. The Onchocerciasis Elimination Program for the Americas: a history of partnership. Revista Panamericana de Salud Pública, v. 3, p. 367-374, 1998.

COMARELLA, J. D., SARAIVA, P. G. C., SARAIVA, F. P. Corneal ulcer: a retrospective study of a cases seen at the Hospital das Clínicas, Federal University of Espirito Santo. Revista Brasileira de Oftalmologia, v. 74, p. 76–80, 2015.

DUBIELZIG R.R., KETRING K.L., MCLELLAN G.J. & ALBERT D.M. 2010. Veterinary Ocular Pathology: a comparative review. Elsevier, Philadelphia. 456p.

FERREIRA, M.U. Parasitologia Contemporânea. Editora Guanabara Koogan. 2012.

QUINTO, G. G.; CAMPOS, M.; BEHRENS, A. Soro autólogo para doenças da superfície ocular. Arquivos Brasileiros de Oftalmologia, v. 71, p. 47–54, 1 dez. 2008.

REMME, J. H. F., BOATIN, B., BOUSSINES Q., Michel. Helminthic diseases: onchocerciasis and loiasis. Public health and infectious diseases, p. 315, 2008.

SOMMER, U. Vorkommen und Behandlung von Augenkrankheiten beim Pferd 1984. 100p. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) - Pós-graduação em Medicina Veterinária, Tierärztliche Hochschule Hannover.

SZEMES, P.A; GERHARDS, H. Untersuchungen zur Prävalenz der equinen rezidivierenden

Uveitis im Großraum Köln Bonn. Praktischer Tierarzt, v.81, n.5, p.408-420, 2000.